

VIRGINA:
ENTRE O SOCIAL E O SUBJETIVO

Fábio Belo

I. A Psicologia Social e a Psicanálise

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus moções pulsionais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. **O outro está invariavelmente envolvido na vida anímica de um indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente**, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.¹ (negrito meu).

São essas as palavras de Freud, que colocam psicologia social e individual lado a lado. Os fenômenos dos grupos podem ser entendidos se estudarmos o indivíduo e vice-versa. Indivíduo e grupo mantêm entre si uma relação dialética. Vejamos se não é esse o caso de Virgina, personagem do filme com título homônimo².

Um determinado grupo social acredita que filhos homens trazem sorte, em forma de chuva e boas colheitas, já as meninas trazem tremendo azar, perpetuado pela exclusão social da família cujo triste desígnio foi parir uma mulher. A primeira questão que me vem à cabeça é: o que tem a ver chuva, boas colheitas, aceitação social com o nascimento de um menino? Por que uma menina *impediria* todas as boas coisas?

A resposta imediata, cara especialmente aos leigos, seria: machismo, misoginia. Mas isso não explica nada. A pergunta ainda continua: de onde vem essa atitude tão peculiar de associar a mulher ao mal? Por que o feminino, nas mais diversas tradições culturais (isso inclui a nossa, judaico-cristã), é um elemento de ruptura, de queda, de exclusão? Diversos autores tentam sistematizar o que o feminino tem de tão assustador e revelador, entre eles Laplanche e Birman³.

¹ Psicologia de Grupo e Análise do Eu (1921). ESB, XVIII, 91; GW, XIII, 73.

² Filme dirigido por Srdjan Karanovic, em 1992.

³ Cf. Birman, Joel. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Pretendo explorar um pouco as idéias desses autores, sem no entanto perder de vista a exegese do filme que se encontra em debate.

II. Entre-lugar de Virgina

Antes de analisar o fenômeno social, que atravessa *Virgina* do início ao fim, seguirei a pista de Freud e investigo de início o mundo psíquico da personagem central desse filme.

Uma das lembranças que me vieram ao assistir esse filme foi um poema de Gonçalves Dias, *Marabá*. Típico poema indianista/romântico, onde se lê o drama de uma índia que é marabá, isto é, filha de franceses e índios. Desprezada pelos franceses e pelos índios, Marabá não é aceita no grupo social onde ela pensa pertencer, sua tribo. As marcas – cabelos louros, olhos claros etc. – do europeu deram-lhe um destino: permanente entre-lugar. Não é nem europeia (e nem se sente assim), nem índia (se sente assim, mas a forma física lhe diz o contrário):

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!
 Acaso feitura
 Não sou de Tupã?
 Se algum dentre os homens de mim não se esconde:
 — "Tu és", me responde,
 "Tu és Marabá!"
 — Meus olhos são garços, são cor das safiras,
 — Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
 — Imitam as nuvens de um céu anilado,
 — As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
 "Teus olhos são garços",
 Responde anojado, "mas és Marabá:
 "Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
 "Uns olhos fulgentes,
 "Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"

(.....)

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem nas direi?
 O ramo d'acácia na frente de um homem
 Jamais cingirei:
 Jamais um guerreiro da minha arazóia
 Me desprenderá:

Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!⁴

Tive a oportunidade de estudar esse poema num projeto de pesquisa há um tempo atrás⁵ e é espantoso como a situação de Virgina e Marabá guardam semelhanças. Virgina também não se sente homem, mas é tratada como tal. Sua forma física é de mulher, mas ela deve agir como um homem. A diferença entre os dois casos é que Virgina pode fazer valer sua forma física e desempenhar o papel que deseja, já Marabá parece ter um destino mais funesto.

O preconceito (incluo aqui o racismo e toda forma de discriminação) é um dos mais complexos fenômenos sociais. Se em *Marabá* está claro que a exclusão é garantida pelos aspectos físicos da índia, não está claro o porquê do **horror à diferença**. É como se o grupo precisasse manter-se livre de qualquer coisa que perturbasse uma certa constância, no caso, da imagem corporal da tribo. É preciso guardar esse ponto, pois ele reaparecerá de forma ainda mais marcante em *Virgina*.

A psicanálise descobriu que a mais importante fonte da discriminação sexual – contra homens, mulheres e homossexuais – é oriunda das conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Ter ou não ter um pênis, poder ou não poder gerar um bebê têm para as crianças importância vital. As conseqüências que advêm das conclusões que as próprias crianças tiram a partir de sua própria realidade, corporal e social, serão sentidas por toda a vida⁶.

Pois bem, quando Virgina começa a compreender que algo do seu corpo não responde a algo que lhe é demandado, ela compreende também que o papel que está a cumprir não é o que ela deseja. A noção de **gênero** toma toda importância aqui. Ter uma vagina não é sinônimo de ser mulher, às vezes, pelo contrário, é o motivo pelo qual não se é mulher⁷. Berger e Luckmann, de forma acertada a meu ver, ligam gênero a outro importante conceito da psicologia social: o **papel**⁸. Para esses autores representar um papel social é ter conhecimento de algumas regras do jogo social e desconhecer outras.

Virgina, mais do que proibida de ser mulher, é proibida de participar dos jogos sociais que a fariam mulher. Não lhe é permitido simbolizar o feminino, que, quando aparece, é duramente reprimido pelo pai, seja através da violência física, seja através de extenuantes trabalhos. O pai de

⁴ <<http://www.agoncalvesdias.hpg.ig.com.br/index.htm>>

⁵ Projeto de Iniciação Científica (1996). *O preconceito no romantismo brasileiro*. Orientação do Prof. Dr. Sérgio Alves Peixoto (FALE – UFMG).

⁶ Para psicanálise, a diferença entre os sexos é uma construção cultural, e não é entendida como sendo 'natural' ou biologicamente justificada. Cf. Costa, Jurandir Freire. *A construção cultural da diferença entre os sexos*. (Cópia xerográfica). Ou ainda, Costa, J. F. *Richard Rorty e a construção da subjetividade humana*. (Cópia xerográfica).

⁷ Cf. o hilário *Os Monólogos da Vagina*, de Eve Ensler.

Virgina não lhe permite acesso ao feminino, pois teme que o mal recaia sobre ele e sua família. O pai é uma figura importante à qual teremos que voltar mais a frente, antes porém, é preciso ainda ressaltar uma importante característica do mundo psíquico de Virgina.

Virgina deseja ser uma menina. Rouba a boneca das irmãs porque deseja ter também um bebê para si. Aqui algo de surpreendente se revela. Ter um bebê, sabe-se, é um desejo de toda criança, seja ela menino ou menina⁹. Nesse especial menino, Virgina, esse desejo *pode* se realizar. Pode, mas não deve.

III. O buraco é mais embaixo

“Coisa de psicanalista: o filme fala de exploração contra a mulher”, dirão vocês, “é uma ilustração do falocentrismo que assola há séculos a humanidade e o senhor vem dizer de um *menino* que deseja ter um bebê?”. É preciso um pouco de paciência para entender esse argumento, afinal minha hipótese é que em *Virgina* temos acesso a uma encenação onde desejos inconscientes são capturados pela rede social.

Gostaria de retomar as questões que deixei acima para me explicar melhor. Perguntei qual era a relação entre o mal tempo e o fato de se ter uma menina, isto é, como aquele determinado **grupo social construiu essa estranha equação**: parir uma menina = má sorte. E daí, formular uma segunda equação: transformar a menina em **menino** (em *virgina*) = manutenção do (retorno ao) bem-estar. A articulação entre gênero e eventos naturais (chuva ou seca) é mais uma dobra da construção social que aloca o feminino sempre ao lado do azar, da catástrofe. Tais equações irracionais apenas mostram, de forma absurda, que o gênero é construção social, mas justamente pelo absurdo, mostram que o inconsciente não deixa de deixar suas marcas nessas construções. Em outras palavras, o machismo não é apenas uma força social. Ele tem também razões psíquicas, inconscientes, para surgir e se manter. A análise de tais fenômenos complexos deve sempre contemplar esses dois prismas da questão.

Essas equações são tão estranhas como aquelas apresentadas por meus pacientes neuróticos. Um me diz que toda vez que vai dormir tem que conferir a porta do banheiro três vezes, se não, não consegue dormir. Outra me diz que sente uma vontade incontrolável de tossir quando pensa no pai. Como esses pacientes fazem tão discrepantes associações que parecem ao leigo simples loucura ou

[M1] Comentário: O que eu mais gostei do filme é que parece que de alguma forma eles entendem que gênero é socialmente construído, mas ficar só nisso tb é perigosos pq ignora o desejo, o ics..

⁸ Berger, P., Luckmann, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 13ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 101-110.

⁹ Cf. a importante releitura que faz Paulo César Ribeiro sobre o caso Hans, de Freud. In. *O problema da identificação em Freud*. São Paulo: Escuta, 2000. Em especial, o capítulo 5.

mania excêntrica? Desde que a psicanálise começou a ouvir as pessoas, começou a ouvir também razões que a própria razão desconhecia.

Como diz Freud, o que vale para a psicologia individual, vale, em grande medida, para a psicologia social. Se os pacientes fazem associações absurdas é para não saber de alguma coisa que temem, não conseguem ou simplesmente não desejam saber. O sintoma é uma forma sofisticada, porém malograda de se esconder algo de si mesmo. Ao invés de esconder o sentido, ele o revela de forma absurda. Isso não é por acaso: muito do que projetamos nos outros ou que nos engaja em diversas outras formas de autodesconhecimento relaciona-se com a influência das outras pessoas na constituição de nossa subjetividade e, acima de tudo na constituição sexual.

Somos, desde nossos primeiros momentos de vida, inoculados com elementos da sexualidade inconsciente dos adultos que cuidam de nós e nos educam. Alguns desses elementos são integrados como partes de nosso eu, daquilo que reconhecemos como nossos desejos, nossas características pessoais ou nossa personalidade. Outros permanecem como um corpo estranho incrustado em nosso psiquismo, como um enclave de alteridade interna. São esses cistos de alteridade que produzem os desejos e os pensamentos intoleráveis. São eles que tratamos de expulsar e que acabam por alimentar os recalamentos e, portanto, as projeções, as negações e outras formas de desconhecimento.¹⁰

Não é necessário insistir muito no óbvio: o mecanismo de defesa privilegiado nos casos de racismo e preconceito é a projeção. Numa palavra, é ver no outro o que não desejo ver em mim¹¹. A misoginia é uma forma de preconceito e ela não escapa à regra. Algo de projetivo se instala no cerne dessa atitude. Mas o que é que não quero ver em mim quando rebaixo a mulher? O que há em mim de tão terrível que preciso projetar nela para só assim desprezar? Essas perguntas por enquanto ficam sem resposta, mas não sem uma pista. As equações aparentemente machistas daquela pequena comunidade revelam algo pelo absurdo que são. Minha hipótese é que construções sociais como vimos no filme *Virginia* também sofrem influências do inconsciente. Antes de dizer o que é revelado, faço uma ressalva.

Não pretendo de maneira alguma obnubilar o fato de que as mulheres ao longo de séculos foram massacradas pela primazia do falo. Ora transformadas em serpentes, produtoras do mal, ora transformadas em meros objetos de consumo¹². Não pretendo também negar o fato de que nesse

¹⁰ Marzagão, Lúcio. Ribeiro, Paulo. Belo, Fábio. *Psicanálise e Literatura: seis contos da era de Freud*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2000. (p. 116).

¹¹ A projeção não é algo que acontece só nas pessoas neuróticas. É qualquer processo que dá sentido a objetos amorosos circundantes. (Cf. Belo, F. et al., *op. cit.*, p. 253-4).

¹² Faço referência obviamente às formas de misoginia. Uma mais antiga, tipicamente ligada ao nascimento das religiões monoteístas, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, e outra, mas atual ligada ao fenômeno da mídia.

filme se acha exposta a violência contra a mulher: que juiz não julgaria como violência obrigar uma criança a se travestir?¹³

Acho, no entanto, que o buraco é mais embaixo. Se quisermos entender o que vem a ser a misoginia e a discriminação à mulher temos que entender antes de tudo sobre como se constituem sexualmente homens e mulheres. Em outras palavras, para entender a violência sexual deve-se compreender anteriormente como se forma a sexualidade humana. Passemos a isso.

IV. Sedução e destino

Desamparo, passividade e erotismo: três palavras que andam juntas atualmente nos estudos psicanalíticos. A associação entre essas três esferas da vida humana é simples de se entender. Quando bebê, o ser humano está desamparado, não pode se ajudar e precisa do outro para sobreviver. O contato do bebê com o adulto é sempre marcado pela inevitável passividade do bebê frente à intervenção do adulto. O corpo do bebê é, por assim dizer, manuseado, penetrado, apertado, sacudido etc. ele é feminino por excelência. É justamente devido a essa passividade inicial e ao desamparo também de origem que o vínculo erótico se estabelece¹⁴. Nunca amparado, nunca devidamente fechado às intervenções dos outros, estamos sempre (e, geralmente, em círculos) procurando novas relações – ou simplesmente deixando de tê-las – em busca de bem-estar.

Disse acima que, no contato com o bebê, o adulto lhe inocula elementos de sua sexualidade (inconsciente). Essas mensagens transmitidas à criança serão traduzidas por ela ao longo da vida. No filme *Virgínia*, temos uma situação inusitada: uma menina é criada como um menino. Em outras palavras, ela é *seduzida* a acreditar (e, quem sabe, a desejar) isso. Sua educação, suas roupas, seus hábitos pertencem ao universo masculino. Mas todos da família *sabem* que ela é uma menina e esse saber lhe é transmitido de alguma forma:

(...) a sedução não se confina ao fato do atentado sexual mas define-se como a mensagem sexual do adulto à criança, mensagem esta que está presente em todas as interações, em todos os gestos, mesmo nos gestos de cuidado os mais ‘inocentes’. Mensagem enigmática, na medida em que veicula a sexualidade inconsciente do próprio adulto, veicula, portanto, um sentido que ele mesmo ignora.¹⁵

¹³ Devo à Prof. Dra. Lúcia Afonso meu agradecimento por alertar-me quanto a esses pontos.

¹⁴ Para saber mais sobre isso, a fim de evitar especialmente o equívoco de entender o par feminilidade / passividade como ausência de atividade ou algo exclusivo das mulheres, cf. André, Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

¹⁵ Carvalho, M. Teresa de. *Psicanálise e Universidade*. Mestrado em Psicologia/UFMG: Belo Horizonte, 1998.

O fato de Virgina se revoltar contra sua família e ao desejo de fazê-la um menino é a prova que tenho de que ela traduz as mensagens que lhe passaram de uma forma inesperada. Uma outra personagem do mesmo filme não teve o mesmo destino, pois aceitou ser *virgina*. O que fez com que Virgina recusasse seu destino?

Importante ressaltar aqui que a tradução entre a passividade da situação antropológica fundamental e a feminilidade não é automática, não é natural. Penso, ao contrário, que há um enorme esforço social para que tal tradução se firme como a via mais bem facilitada para o recalçamento das vivências angustiantes oriundas desse período. Atrelar de forma naturalizante passividade e feminilidade funciona como um tipo de garantia recalcadora. As derivações que decorrem daqui são óbvias: a mulher é a passividade, ela é o feminino, logo, é ela quem deve ser controlada, subjugada, reprimida. Nem que seja pela via de uma mentira fetichista como é o caso do filme em questão.

V. *Fiat Lux*

É hora de interromper essa análise dando algumas respostas às questões que levantei ao longo do caminho. No início, disse que entre a psicologia social e a individual (onde incluo a psicanálise) não são dois campos distintos como parecem à primeira vista. Uma forma de se demonstrar que são disciplinas correlatas é explicitar a noção de *sintoma social*. Com isso quero dizer que a sociedade, assim como os indivíduos, tem sintomas. Esses sintomas seguem **o mesmo processo de formação** tanto no sujeito isolado, quanto no grupo. *Virgina* é um ótimo exemplo de como isso acontece.

A misoginia travestida pelo ritual mágico daquela comunidade é um sintoma social, pois é construído e aceito pelo grupo. Penso esse sintoma social, assim como analisamos um sintoma de um paciente no trabalho psicanalítico. Para fazer isso é preciso acreditar que o sujeito humano são suas crenças e desejos, sendo que muitas dessas crenças e muitos desses desejos pertencem a outros 'eus' e que se fazem presentes em diversos momentos da nossa vida: nos sintomas, nos sonhos, temos vivo acesso a essa 'alteridade interna'.

Pois bem, o sintoma social que vemos no filme *Virgina* é uma forma sofisticada de ter acesso a crenças e desejos que de outra forma nos seriam intoleráveis. Disse que não recusava o fato de que a obra retrata explicitamente como a mulher é subjugada pela ordem patriarcal. Todavia, não acredito que seja esse o ponto principal da trama. A misoginia é mero caminho de acesso para a realização de um outro desejo: fazer de um homem uma mulher.

A mudança de sexo é um tema constante na literatura universal, desde Tirésias, passando pelas comédias de Shakespeare, até as novelas de hoje, sempre cultuamos essa possibilidade: transformar homens em mulheres e vice-versa. Em análise, crianças revelam que essa transformação não só é possível como também é muito desejada por várias delas. O que *Virgina* nos proporciona é tornar um desejo infantil realizado: um menino finalmente poderá saber o que é ser mulher¹⁶.

Se isso está na superfície do filme, outros fenômenos passam despercebidos para quem desconhece as travessuras do inconsciente. Um dos pontos que levantei anteriormente foi a estranha equação ‘não ter um filho homem’ = ‘mal agouro’. A mulher como portadora do mal. O que isso pode significar? Para saber se o bebê é menino ou menina basta olhar seus órgãos genitais; é isso que o pai faz toda vez que sua esposa pare uma criança. Para seu desespero, ele não vê o pênis. Não ver o pênis é ter acesso nu e cru à castração. Minha hipótese é que a equação acima repousa sobre a angústia de castração. Tendo um filho homem e comprovando que a castração não existe, é como se eles, os homens, estivessem a salvo de um desastre, tão devastador como a seca, a fome e a miséria¹⁷.

Isso tudo parece ser muito complicado e delirante demais para ser verdade. Mas, como Freud (1905) mostrou em *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, somos mais criativos do que pensamos ser e a melhor maneira de criar é permitir que crenças e desejos que deveriam permanecer ocultos apareçam em forma de travessura, de brincadeira. Brincadeira de mau gosto, é verdade, essa que fizeram com *Virgina*, mas, onde se faz uma brincadeira, muitas vezes, oculta-se um problema sério. Sério demais para ser revelado.

Então, até aqui o que tenho: por um lado, em *Virgina*, um desejo é realizado: um menino se transforma em mulher e, por outro lado, temos o recalçamento da castração. Dois pontos que irão se encontrar no final do filme, na cena na qual o pai morre.

A morte do pai, a meu ver, representa, nesse filme, o acesso de *Virgina* ao campo do feminino. É preciso morrer quem tem medo da castração – protegido por São Jorge, o santo da grande lança, diga-se de passagem – para que a mulher surja. Assim é também na análise de muitas mulheres: o horror que seus pais têm da castração lhe é transmitido e elas entendem essa mensagem (na maioria das vezes enigmática) como um impedimento à feminilidade. Em alguns casos de frieza, encontrei pais com mensagens semelhantes ao que pudemos ver em *Virgina*. Nesses casos,

¹⁶ Esse desejo é bem antigo. A experiência de Tirésias é emblemática a esse respeito. Cf. Loraux, Nicole. *The Experiences of Tirésias: the feminine and the greek man*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

¹⁷ O recalçamento da castração aqui é mais uma *recusa* do que propriamente um recalque. Isso dá o que pensar... *Virgina* é um objeto fetiche? Talvez, pois como todo fetiche, *Virgina* servirá para recusar a existência da castração justamente pelo temor que sua existência lhe causou.

muito da sexualidade dessas mulheres só pôde se desenvolver quando melhores traduções do horror paterno à castração foram feitas.

Uma das questões que levantei acima, quando comparava Marabá a Virgina, foi a necessidade dos grupos afastarem tudo que lhes mostrassem a *diferença*: uma raça, uma religião, um sexo. A diferença sexual é certamente uma das mais marcantes que temos que lidar ao longo da vida. O que é estranho naquela comunidade é fazer da mulher o ser diferente, o ser que mostra a diferença. Desenvolver esse ponto levaria tempo e passaria certamente pelo que os psicanalistas denominam *primazia do falo*. Todavia, não há tempo, nem o espaço é apropriado para isso.

Antes de encerrar, porém, gostaria de comentar o título desse trabalho. Quando digo que Virgina está entre o social e o subjetivo, quero dizer que a condição dela se tornar um pouco mais senhora de seu destino é tomando consciência da rede social que a envolve. A rede social, para a psicanálise, tem seu início nas nossas primeiras relações amorosas, dentro da família. As crenças e desejos (conscientes ou não) de nossos pais *são* a rede social primeira. Desatar os nós dessa rede, tecer outros pontos é trabalho árduo, é trabalho de análise.

Aprendemos nesse filme que muitas das exigências da civilização estão além de nossas capacidades. Virgina livra-se do mal-estar não só para realizar um desejo infantil que estava presente no discurso comunitário, ela livra-se do mal-estar para tornar-se mulher. Ela nos ensinou que pais e deuses fálicos exigem muitas vezes o impossível: que neguemos a diferença entre nós. Virgina nos ensina que o desejo se tece sim com a linha social, mas as figuras que hão de surgir desse cerzir diário são muitíssimo singulares.

Belo Horizonte, 8 de Janeiro de 2002

Reelaborações: março de 2015